

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO
PAULO – CÂMPUS SÃO PAULO**

LICENCIATURA EM LETRAS

ELABORAÇÃO DE EXERCÍCIOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA,

A PARTIR DOS TEXTOS:

Noite de Almirante, de Machado de Assis;

Por que as pessoas traem?, de Ana Prado.

CAIO EDUARDO FONTES HONORATO

JOÃO VICTOR PETRONI RODRIGUES

PAOLA GENTILE

SÃO PAULO

2021

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO
PAULO – CÂMPUS SÃO PAULO**

LICENCIATURA EM LETRAS

ELABORAÇÃO DE EXERCÍCIOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA,

A PARTIR DOS TEXTOS:

Noite de Almirante, de Machado de Assis;

Por que as pessoas traem?, de Ana Prado.

Trabalho de elaboração de exercícios de análise linguística feito para a disciplina de “Metodologia do Ensino: Sintaxe da Língua Portuguesa I”, ministrada pela profa. Cristina Lopomo Defendi.

CAIO EDUARDO FONTES HONORATO

JOÃO VICTOR PETRONI RODRIGUES

PAOLA GENTILE

SÃO PAULO

2021

TEXTO I:

NOITE DE ALMIRANTE

Deolindo Venta-Grande (era uma alcunha de bordo) saiu do arsenal de marinha e enfiou pela rua de Bragança. Batiam três horas da tarde. Era a fina flor dos marujos e, de mais, levava um grande ar de felicidade nos olhos. A corveta dele voltou de uma longa viagem de instrução, e Deolindo veio à terra tão depressa alcançou licença. Os companheiros disseram-lhe, rindo:

— Ah! Venta-Grande! Que noite de almirante vai você passar! ceia, viola e os braços de Genoveva. Colozinho de Genoveva...

Deolindo sorriu. Era assim mesmo, uma noite de almirante, como eles dizem, uma dessas grandes noites de almirante que o esperava em terra. Começara a paixão três meses antes de sair a corveta. Chamava-se Genoveva, caboclinha de vinte anos, esperta, olho negro e atrevido. Encontraram-se em casa de terceiro e ficaram morrendo um pelo outro, a tal ponto que estiveram prestes a dar uma cabeçada, ele deixaria o serviço e ela o acompanharia para a vila mais recôndita do interior.

A velha Inácia, que morava com ela, dissuadiu-os disso; Deolindo não teve remédio senão seguir em viagem de instrução. Eram oito ou dez meses de ausência. Como fiança recíproca, entenderam dever fazer um juramento de fidelidade.

— Juro por Deus que está no céu. E você?

— Eu também.

— Diz direito.

— Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte.

Estava celebrado o contrato. Não havia descrer da sinceridade de ambos; ela chorava doidamente, ele mordida o beijo para dissimular. Afinal separaram-se, Genoveva foi ver sair a corveta e voltou para casa com um tal aperto no coração que parecia que "lhe ia dar uma coisa". Não lhe deu nada, felizmente; os dias foram passando, as semanas, os meses, dez meses, ao cabo dos quais, a corveta tornou e Deolindo com ela.

Lá vai ele agora, pela rua de Bragança, Prainha e Saúde, até ao princípio da Gamboa, onde mora Genoveva. A casa é uma rotulazinha escura, portal rachado do sol, passando o cemitério dos Ingleses; lá deve estar Genoveva, debruçada à janela, esperando por ele. Deolindo prepara uma palavra que lhe diga. Já formulou esta: "Jurei e cumpri", mas procura outra melhor. Ao mesmo tempo lembra as mulheres que viu por esse mundo de Cristo, italianas, marselhesas ou turcas, muitas delas bonitas, ou que lhe pareciam tais. Concorde que nem todas seriam para os beijos dele, mas algumas eram, e nem por isso fez caso de nenhuma. Só pensava em Genoveva. A mesma casinha dela, tão pequenina, e a mobília de pé quebrado, tudo velho e pouco, isso mesmo lhe lembrava diante dos palácios de outras terras. Foi à custa de muita economia que comprou em Trieste um par de brincos, que leva agora no bolso com algumas bugigangas. E ela que lhe guardaria? Pode ser que um lenço marcado com o nome dele e uma âncora na ponta, porque ela sabia marcar muito bem. Nisto chegou à Gamboa, passou o cemitério e deu com a casa fechada. Bateu, falou-lhe uma voz conhecida, a da velha Inácia, que veio abrir-lhe a porta com grandes exclamações de prazer. Deolindo, impaciente, perguntou por Genoveva.

— Não me fale nessa maluca, arremeteu a velha. Estou bem satisfeita com o conselho que lhe dei. Olhe lá se fugisse. Estava agora como o lindo amor.

— Mas que foi? que foi?

A velha disse-lhe que descansasse, que não era nada, uma dessas coisas que aparecem na vida; não valia a pena zangar-se. Genoveva andava com a cabeça virada...

— Mas virada por quê?

— Está com um mascate, José Diogo. Conheceu José Diogo, mascate de fazendas?

Está com ele. Não imagina a paixão que eles têm um pelo outro. Ela então anda maluca. Foi o motivo da nossa briga. José Diogo não me saía da porta; eram conversas e mais conversas, até que eu um dia disse que não queria a minha casa difamada. Ah! meu pai do céu! foi um dia de juízo. Genoveva investiu para mim com uns olhos deste tamanho, dizendo que nunca difamou ninguém e não precisava de

esmolas. Que esmolas, Genoveva? O que digo é que não quero esses cochichos à porta, desde as aves-marias... Dois dias depois estava mudada e brigada comigo.

— Onde mora ela?

— Na praia Formosa, antes de chegar à pedreira, uma rótula pintada de novo.

Deolindo não quis ouvir mais nada. A velha Inácia, um tanto arrependida, ainda lhe deu avisos de prudência, mas ele não os escutou e foi andando. Deixo de notar o que pensou em todo o caminho; não pensou nada. As idéias marinhavam-lhe no cérebro, como em hora de temporal, no meio de uma confusão de ventos e apitos. Entre elas rutilou a faca de bordo, ensangüentada e vingadora. Tinha passado a Gamboa, o Saco do Alferes, entrara na praia Formosa. Não sabia o número de casa, mas era perto da pedreira, pintada de novo, e com auxílio da vizinhança poderia achá-la. Não contou com o acaso que pegou de Genoveva e fê-la sentar à janela, cosendo, no momento em que Deolindo ia passando. Ele conheceu-a e parou; ela, vendo o vulto de um homem, levantou os olhos e deu com o marujo.

— Que é isso? exclamou espantada. Quando chegou? Entre, seu Deolindo.

E, levantando-se, abriu a rótula e fê-lo entrar. Qualquer outro homem ficaria alvoroçado de esperanças, tão francas eram as maneiras da rapariga; podia ser que a velha se enganasse ou mentisse; podia ser mesmo que a cantiga do mascate estivesse acabada. Tudo isso lhe passou pela cabeça, sem a forma precisa do raciocínio ou da reflexão, mas em tumulto e rápido. Genoveva deixou a porta aberta, fê-lo sentar-se, pediu-lhe notícias da viagem e achou-o mais gordo; nenhuma comoção nem intimidade. Deolindo perdeu a última esperança. Em falta de faca, bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, e durante os primeiros minutos não pensou em outra coisa.

— Sei tudo, disse ele.

— Quem lhe contou?

Deolindo levantou os ombros.

— Fosse quem fosse, tornou ela, disseram-lhe que eu gostava muito de um moço?

— Disseram.

— Disseram a verdade.

Deolindo chegou a ter um ímpeto; ela fê-lo parar só com a ação dos olhos. Em seguida disse que, se lhe abrisse a porta, é porque contava que era homem de juízo. Contou-lhe então tudo, as saudades que curtira, as propostas do mascate, as suas recusas, até que um dia, sem saber como, amanhecera gostando dele.

— Pode crer que pensei muito e muito em você. Sinhá Inácia que lhe diga se não chorei muito... Mas o coração mudou... Mudou... Conto-lhe tudo isto, como se estivesse diante do padre, concluiu sorrindo.

Não sorria de escárnio. A expressão das palavras é que era uma mescla de candura e cinismo, de insolência e simplicidade, que desisto de definir melhor. Creio até que insolência e cinismo são mal aplicados. Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das ações. O que dizia, em resumo, é que era melhor não ter mudado, dava-se bem com a afeição do Deolindo, a prova é que quis fugir com ele; mas, uma vez que o mascate venceu o marujo, a razão era do mascate, e cumpria declará-lo. Que vos parece? O pobre marujo citava o juramento de despedida, como uma obrigação eterna, diante da qual consentira em não fugir e embarcar: "Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte". Se embarcou, foi porque ela lhe jurou isso. Com essas palavras é que andou, viajou, esperou e tornou; foram elas que lhe deram a força de viver. Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte...

— Pois, sim, Deolindo, era verdade. Quando jurei, era verdade. Tanto era verdade que eu queria fugir com você para o sertão. Só Deus sabe se era verdade! Mas vieram outras coisas... Veio este moço e eu comecei a gostar dele...

— Mas a gente jura é para isso mesmo; é para não gostar de mais ninguém...

— Deixa disso, Deolindo. Então você só se lembrou de mim? Deixa de partes...

— A que horas volta José Diogo?

— Não volta hoje.

— Não?

— Não volta; está lá para os lados de Guaratiba com a caixa; deve voltar sexta-feira ou sábado... E por que é que você quer saber? Que mal lhe fez ele?

Pode ser que qualquer outra mulher tivesse igual palavra; poucas lhe dariam uma expressão tão cândida, não de propósito, mas involuntariamente. Vede que estamos aqui muito próximos da natureza. Que mal lhe fez ele? Que mal lhe fez esta pedra que caiu de cima? Qualquer mestre de física lhe explicaria a queda das pedras. Deolindo declarou, com um gesto de desespero, que queria matá-lo. Genoveva olhou para ele com desprezo, sorriu de leve e deu um muxoxo; e, como ele lhe falasse de ingratidão e perjúrio, não pôde disfarçar o pasmo. Que perjúrio? que ingratidão? Já lhe tinha dito e repetia que quando jurou era verdade. Nossa Senhora, que ali estava, em cima da cômoda, sabia se era verdade ou não. Era assim que lhe pagava o que padeceu? E ele que tanto enchia a boca de fidelidade, tinha-se lembrado dela por onde andou?

A resposta dele foi meter a mão no bolso e tirar o pacote que lhe trazia. Ela abriu-o, aventou as bugigangas, uma por uma, e por fim deu com os brincos. Não eram nem poderiam ser ricos; eram mesmo de mau gosto, mas faziam uma vista de todos os diabos. Genoveva pegou deles, contente, deslumbrada, mirou-os por um lado e outro, perto e longe dos olhos, e afinal enfiou-os nas orelhas; depois foi ao espelho de pataca, suspenso na parede, entre a janela e a rótula, para ver o efeito que lhe faziam. Recuou, aproximou-se, voltou a cabeça da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.

— Sim, senhor, muito bonitos, disse ela, fazendo uma grande medida de agradecimento. Onde é que comprou?

Creio que ele não respondeu nada, não teria tempo para isso, porque ela disparou mais duas ou três perguntas, uma atrás da outra, tão confusa estava de receber um mimo a troco de um esquecimento. Confusão de cinco ou quatro minutos; pode ser que dois. Não tardou que tirasse os brincos, e os contemplasse e pusesse na caixinha em cima da mesa redonda que estava no meio da sala. Ele pela sua parte começou a crer que, assim como a perdeu, estando ausente, assim o outro, ausente, podia também perdê-la; e, provavelmente, ela não lhe jurara nada.

— Brincando, brincando, é noite, disse Genoveva.

Com efeito, a noite ia caindo rapidamente. Já não podiam ver o hospital dos Lázaros e mal distinguiam a ilha dos Melões; as mesmas lanchas e canoas, postas em seco, defronte da casa, confundiam-se com a terra e o lodo da praia. Genoveva

acendeu uma vela. Depois foi sentar-se na soleira da porta e pediu-lhe que contasse alguma coisa das terras por onde andara. Deolindo recusou a princípio; disse que se ia embora, levantou-se e deu alguns passos na sala. Mas o demônio da esperança mordida e babujava o coração do pobre diabo, e ele voltou a sentar-se, para dizer duas ou três anedotas de bordo. Genoveva escutava com atenção. Interrompidos por uma mulher da vizinhança, que ali veio, Genoveva fê-la sentar-se também para ouvir "as bonitas histórias que o Sr. Deolindo estava contando". Não houve outra apresentação. A grande dama que prolonga a vigília para concluir a leitura de um livro ou de um capítulo, não vive mais intimamente a vida dos personagens do que a antiga amante do marujo vivia as cenas que ele ia contando, tão livremente interessada e presa, como se entre ambos não houvesse mais que uma narração de episódios. Que importa à grande dama o autor do livro? Que importava a esta rapariga o contador dos episódios?

A esperança, entretanto, começava a desampará-lo e ele levantou-se definitivamente para sair. Genoveva não quis deixá-lo sair antes que a amiga visse os brincos, e foi mostrar-lhos com grandes encarecimentos. A outra ficou encantada, elogiou-os muito, perguntou se os comprara em França e pediu a Genoveva que os pusesse.

— Realmente, são muito bonitos.

Quero crer que o próprio marujo concordou com essa opinião. Gostou de os ver, achou que pareciam feitos para ela e, durante alguns segundos, saboreou o prazer exclusivo e superfino de haver dado um bom presente; mas foram só alguns segundos.

Como ele se despedisse, Genoveva acompanhou-o até à porta para lhe agradecer ainda uma vez o mimo, e provavelmente dizer-lhe algumas coisas meigas e inúteis. A amiga, que deixara ficar na sala, apenas lhe ouviu esta palavra: "Deixa disso, Deolindo"; e esta outra do marinheiro: "Você verá." Não pôde ouvir o resto, que não passou de um sussurro.

Deolindo seguiu, praia fora, cabisbaixo e lento, não já o rapaz impetuoso da tarde, mas com um ar velho e triste, ou, para usar outra metáfora de marujo, como um homem "que vai do meio caminho para terra". Genoveva entrou logo depois, alegre e barulhenta. Contou à outra a anedota dos seus amores marítimos, gabou muito o

gênio do Deolindo e os seus bonitos modos; a amiga declarou achá-lo grandemente simpático.

— Muito bom rapaz, insistiu Genoveva. Sabe o que ele me disse agora?

— Que foi?

— Que vai matar-se.

— Jesus!

— Qual o quê! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo; diz as coisas, mas não faz. Você verá que não se mata. Coitado, são ciúmes. Mas os brincos são muito engraçados.

— Eu aqui ainda não vi destes.

— Nem eu, concordou Genoveva, examinando-os à luz. Depois guardou-os e convidou a outra a coser. — Vamos coser um bocadinho, quero acabar o meu corpinho azul...

A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe no ombro, cumprimentando-o pela noite de almirante, e pediram-lhe notícias de Genoveva, se estava mais bonita, se chorara muito na ausência, etc. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.

Fonte: ASSIS, Machado de. Volume de contos. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000208.pdf>.

Acesso em: 25 de jul. 2021.

QUESTÕES

1) Depois de ler o conto, você acha que a expressão “noite de almirante”, tem o mesmo sentido para os marinheiros e para o narrador, que a usou como título?

Possível resposta: Espera-se que o estudante perceba que “noite de almirante” é uma expressão usada pelos marinheiros para se referir a situações em que há mordomias, tudo do bom e do melhor em termos de estrutura – cabine própria, comida e bebida diferenciada, conforto, companhia feminina etc. Assim é como eles imaginam que os almirantes passem o seu tempo, em contraposição às condições menos favoráveis dos marujos. A imagem evocada pela expressão, pelo desfecho do conto, confirma a ironia do narrador, pois a noite de almirante não passa de uma fantasia dos marinheiros.

2) — *Juro por Deus que está no céu. E você?*

— *Eu também.*

— *Diz direito.*

— *Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte.*

Neste primeiro diálogo do conto, em que os amantes trocam juras de fidelidade, não há especificação de quem fala. Isso só será desvendado no fim do conto.

a) Por que você acha que o narrador preferiu não deixar isso explícito?

b) Note o uso do ponto-e-vírgula para marcar a supressão da oração subordinada condicional, que poderia ser explicitada como “Se eu não cumprir o juramento, que (...)”. Considerando a personalidade de Genoveva e a sua traição mais adiante no conto, explique uma razão possível por ela não ter pronunciado a condição dessa fórmula popular de juramento.

c) Reescreva o diálogo usando o discurso indireto sem explicitar os falantes e analise o que a mudança de não dar voz às personagens provoca no texto.

d) Em seguida, transcreva o trecho, já no fim do conto, em que são reveladas as autorias das falas, e reflita: por que essa revelação ocorre só a essa altura da narrativa?

Respostas esperadas:

a) O narrador optou por não explicitar os falantes para fazer um suspense sobre o nível de compromisso de cada um e para mostrar que ambos têm a intenção de cumprir a promessa, porém um é mais desconfiado do que o outro. Daí a insistência para que o outro diga “direito”, para não haver mal entendido.

b) A ligação dos dois períodos por ponto-e-vírgula, com a elisão da oração condicional e do seu conectivo evidenciam o desinteresse ou a desatenção por parte de Genoveva, que repete o juramento de Deolindo, acrescentando-lhe parte de uma fórmula popular que, pronunciada integralmente, aprofundaria o seu compromisso, com o destaque da oração adverbial condicional. O seu uso parcial denota o oposto: certo automatismo por parte da personagem, com o fito de apenas satisfazer a exortação de seu interlocutor, simulando um compromisso que elide a arriscada hipótese do descumprimento e explicita apenas a consequência, elencada na oração principal.

c) Reescrita com o discurso indireto: “Um disse jurar por Deus que está no céu. O outro concordou, porém foi obrigado a repetir a frase completa e ainda acrescentou que a luz poderia faltar-lhe na hora da morte, se a jura não fosse mantida.”

No discurso indireto, conforme a reelaboração acima, percebe-se que há necessidade de explicitar quem está falando, para o texto ficar mais claro. Porém, o diálogo com a promessa perde a força por estar sendo reportada com as palavras do narrador.

d) Transcrição do trecho em que ocorre a revelação:

“O pobre marujo citava o juramento de despedida, como uma obrigação eterna, diante da qual consentira em não fugir e embarcar: "Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte". Se embarcou, foi porque ela lhe jurou isso. Com essas palavras é que andou, viajou, esperou e tornou; foram elas que lhe deram a força de

viver. Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte...”. Essa revelação resolve o “suspense moral” da relação entre os dois personagens, revelando a interpretação da ideia de “fidelidade” para Genoveva e Deolindo e a postura de ambos na hora de jurar: a insistência apaixonada do marinheiro e a desatenção ou relutância da moça.

3) Há algumas partes do conto em que o narrador mostra que os dois amantes tendem a enfrentar as situações que vivem de forma mais dramática do que ela realmente é – como o trecho reproduzido em (a), abaixo, usado como modelo. Identifique e transcrevam esses trechos e os recursos utilizados para mostrar o exagero e a maneira como o narrador o desmascara, por meio da ironia e do distanciamento em relação ao que narra.

a) *(...) ficaram morrendo um pelo outro (...)*

Uso de hipérbole – a palavra morrer para demonstrar uma paixão intensa. O próprio fato de não morrer e de desistirem facilmente da ideia de abandonar o emprego para morar no interior desfaz o exagero da paixão.

b) *Genoveva foi ver sair a corveta e voltou para casa com um tal aperto no coração que parecia que “lhe ia dar uma coisa”. Não deu nada, felizmente (...)*

Uso das aspas, como sendo a expressão usada pela personagem para descrever o próprio sentimento. O narrador retoma a narrativa com ironia e ainda faz um comentário, intrometendo-se na história (felizmente).

c) – *Que vai matar-se.*

– *Jesus!*

– *Qual o quê! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo; diz as coisas mas não faz. (...)* A verdade é que o marinheiro não se matou.

Uso da própria fala da personagem, que recebe a intenção do ex-amante com muito desdém. Depois, há o reforço do narrador, que retoma a narrativa usando uma

palavra inanimada (verdade) como sujeito, mas que coloca o real frente ao delírio do marinheiro.

4) — *Qual o quê! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo; diz as coisas, mas não faz. Você verá que não se mata. Coitado, são ciúmes. Mas os brincos são muito engraçados.*

— *Eu aqui ainda não vi destes.*

— *Nem eu, concordou Genoveva, examinando-os à luz. Depois guardou-os e convidou a outra a coser. — Vamos coser um bocadinho, quero acabar o meu corpinho azul...*

A verdade é que o marinheiro não se matou.

- a) **Sabendo-se que as orações principais modificam a informação elencada na oração subordinada substantiva, inserindo a intenção do enunciador na frase, comente a mudança de sentido ocorrida, caso a frase fosse apenas "O marinheiro não se matou".**
- b) **Assim, qual é o sentido, do ponto de vista do narrador, que a oração principal "A verdade é que..." sugere, visto que implica a inserção de um novo sujeito oracional?**

Resposta esperada: Com essa reformulação, a narração seria feita de modo enfático, sem inserir a perspectiva do narrador: se restringiria a relatar o fato, elencando um sujeito concreto. A inserção de “A verdade é que...”, portanto, funciona como uma marca de controle do narrador diante dos fatos, pois ele retoma a narrativa usando a palavra “verdade” como sujeito abstrato, colocando, assim, o real, como observado “de fora” e “de cima”, frente ao delírio do marinheiro.

5) Considerando o trecho a seguir: “(...) os dias foram passando, as semanas, os meses, dez meses, ao cabo dos quais, a corveta tornou e Deolindo com ela.”:

a) Analise como o narrador marca a passagem do tempo: “(...) os dias foram passando, as semanas, os meses, dez meses, ao cabo dos quais, a corveta tornou e Deolindo com ela.”?

b) Comente a construção sintática, a escolha do verbo “passar”, em detrimento de outros que indicam sucessão temporal, e o uso ou a omissão dos verbos, pensando em como isso contribui para a percepção do tempo pelas personagens e pelo narrador.

Respostas esperadas:

a) A passagem do tempo é feita com uma progressão marcada (gradação crescente) pelo uso de palavras do mesmo campo semântico (dias, semanas, meses, dez meses) e pela elisão da locução verbal “ir passando” nos elementos consecutivos da enumeração.

b) Com o verbo passar e a construção da oração feita pelo narrador, chega-se, sintaticamente, com rapidez ao tempo final. O narrador demonstra, assim, que apesar desse período parecer muito demorado para os amantes, era finito. Explicita-se, assim, a diferença entre a percepção emocional dos personagens e a percepção irônica e realista do narrador.

6) “(...) lá deve estar Genoveva, debruçada à janela, esperando por ele. Deolindo prepara uma palavra que lhe diga. Já formulou esta: “Jurei e cumpri”, mas procura outra melhor. Ao mesmo tempo lembra as mulheres que viu por esse mundo de Cristo, italianas, marselesas ou turcas, muitas delas bonitas, ou que lhe pareciam tais. Concorde que nem todas seriam para os beijos dele, mas algumas eram, e nem por isso fez caso de nenhuma. Só pensava em Genoveva. A mesma casinha dela, tão pequenina, e a mobília de pé quebrado, tudo velho e pouco, isso mesmo lhe lembrava diante dos palácios de outras terras. Foi à custa de muita economia que comprou em Trieste um par de brincos, que leva agora no bolso com algumas bugigangas. E ela

que lhe guardaria? Pode ser que um lenço marcado com o nome dele e uma âncora na ponta, porque ela sabia marcar muito bem.”

“Qualquer outro homem ficaria alvoroçado de esperanças, tão francas eram as maneiras da rapariga; podia ser que a velha se enganasse ou mentisse; podia ser mesmo que a cantiga do mascate estivesse acabada.”

Identifique, nos trechos acima, os verbos e os tempos verbais que o autor utiliza para construir a projeção da esperança do marinheiro e as suas intenções de ação, em termos de efeito de sentido. Em seguida, complete a tabela.

Tabela (com respostas esperadas):

Verbo ou locução verbal	Tempo e modo verbais	Efeito de sentido do tempo verbal
deve estar	presente do indicativo	Ideia de futuro; fusão entre expectativa e realidade
prepara	presente do indicativo	Atitude, determinação, intenção.
pensava	pretérito imperfeito do indicativo	Ação contínua, fixação no objeto.
lembrava	pretérito imperfeito do indicativo	Ação contínua, fixação no objeto.
guardaria	futuro do pretérito	Hipótese, expectativa.
enganasse	pretérito imperfeito	Hipótese, dúvida, condicionalidade.
estivesse	pretérito imperfeito	Hipótese, dúvida, condicionalidade.

7) *“Tudo isso lhe passou pela cabeça, sem a forma precisa do raciocínio ou da reflexão, mas em tumulto e rápido. Genoveva deixou a porta aberta, fê-lo sentar-se,*

pediu-lhe notícias da viagem e achou-o mais gordo; nenhuma comoção nem intimidade. Deolindo perdeu a última esperança. Em falta de faca, bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, e durante os primeiros minutos não pensou em outra coisa.”

Nesse trecho, as ações de Genoveva desfazem as esperanças de Deolindo. Por isso, no momento seguinte, ele muda radicalmente de ideia. Nota-se que os elementos do período sintático destacado têm grande mobilidade na frase, podendo ser arranjados de diversas formas.

- a) Classifique-o e reescreva-o de duas formas diferentes.
- b) Analise as mudanças de sentido decorridas dos rearranjos sintáticos. Como isso impacta no suspense do trecho - pensando na posição e "revelação" de itens como "faca", "mãos", "estrangular", "Genoveva"?
- c) Qual o papel da oração adjetiva explicativa “que era um pedacinho de gente” na construção do período, considerando a posição final que ela ocupa, e da intenção de Deolindo para com Genoveva?

Respostas esperadas:

- a) Período composto por subordinação adverbial final reduzida de infinitivo. É possível mobilizar a oração subordinada em outras posições, como:
 - (I) *“Para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, em falta de faca, bastavam-lhe as mãos”;*
 - (II) *“Em falta de faca, para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, bastavam-lhe as mãos”;*
 - (III) *“Bastavam-lhe as mãos, em falta de faca, para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente”;*
 - (IV) *“Bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, em falta de faca”.*

b) A antecipação da finalidade de Deolindo, em (I) e (II) comprometem o suspense que, na forma textualizada, o adjunto adverbial “em falta de faca” introduz e que “bastavam-lhe as mãos” reforça, por deixarem a finalidade de “faca” e “mãos” e o seu objeto (“Genoveva”) para o fim do período. Já (III) e (IV) anulam a gradação dos meios que o personagem levanta a fim de consumir sua finalidade, afastando-se da representação do seu movimento psíquico “real”. A ênfase, por consequência, recairia em outras palavras, em detrimento de “estrangular” e “Genoveva”.

c) A colocação da oração subordinada adjetiva explicativa após a oração subordinada adverbial final sugere mais um motivo para Deolindo realizar suas intenções, e o suspense se agrava, sendo solucionado negativamente apenas nas orações seguintes.

8) *“– Qual o quê! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo; diz as coisas, mas não faz. Você verá que não se mata.”*

Qual é o sentido do verbo ver usado em uma das orações acima? O que é possível inferir sobre o grau de comprometimento do falante? Use outros elementos do texto para justificar sua resposta.

Resposta esperada:

No trecho destacado, o verbo “ver” tem o sentido de “descobrir”, “constatar”, o que lhe garante o estatuto de verbo de atividade mental. Essa realização explicita alto grau de comprometimento por parte do falante, pois expressa uma certeza inferencial, com base na garantia de validade de certos conhecimentos prévios. Dois elementos textuais reforçam esse entendimento: a flexão do verbo na segunda pessoa do singular do futuro do presente, que manifesta um compromisso direto e preditivo com o interlocutor, e as orações anteriores e posteriores, que embasam a afirmação feita

pele período subordinativo e apresentam marcações de evidência e constância (“é assim mesmo”; “diz as coisas, mas não faz”; “são ciúmes”).

TEXTO II:

Por que as pessoas traem?

Se você usa redes sociais, é bem provável que tenha ouvido falar do fiel de Taubaté (que não é de Taubaté) – o participante do Big Brother Brasil 18 que, apesar de viver falando sobre a noiva que estava fora do programa, se envolveu com outra pessoa lá dentro. O público não perdoou e votou para que ele saísse da casa.

A infidelidade geralmente é vista como coisa de pessoas imorais, más, insensíveis. Mas estudos têm mostrado que a verdade por trás de traições é mais complexa do que pode parecer.

Para começar, traições não envolvem só sexo. Quando se trata de infidelidade puramente sexual, a ocorrência média observada em estudos é de cerca de 20% dos casais. No entanto, a taxa aumenta para cerca de um terço dos casais quando se inclui infidelidade emocional.

“Ter um caso geralmente é sinal de que as coisas não estão certas com o relacionamento. Sem as habilidades necessárias para curar os problemas, um parceiro pode se envolver em um caso como uma forma inadequada de tentar satisfazer suas necessidades – seja por intimidade, por se sentir valorizado, por ter mais sexo, e assim por diante”, escreve Gery Karantzas, professor de psicologia social e ciência dos relacionamentos na Universidade Deakin, na Austrália.

No artigo que escreveu para o site *The Conversation*, ele lista dados interessantes sobre a traição em relacionamentos amorosos. Separamos alguns:

– Características pessoais podem prever a probabilidade de alguém trair. Estudos indicam que pessoas com mais características neuróticas e narcisistas, bem como aquelas desprovidas de traços como a afabilidade e a honestidade, são mais propensas a isso;

– Ainda relacionado ao narcisismo, o compromisso das pessoas com a satisfação de seus parceiros também é um fator importante – e, como seria de se esperar, os menos comprometidos são mais propensos a trair;

– O histórico da pessoa também conta muito: pesquisas recentes indicam que um dos melhores fatores para se prever uma traição é já ter traído antes. Pulou a cerca uma vez, é muito provável que faça de novo;

– Mas é claro que, como Karantzas já havia indicado, a traição também tem muito a ver com o estado em que se encontra o relacionamento. Uma pesquisa com 5.000 pessoas no Reino Unido descobriu que as cinco principais causas para as mulheres traírem estão relacionadas à falta de intimidade emocional (84%), falta de comunicação (75%), cansaço (32%), traumas ligados a sexo ou abuso (26%) e falta de interesse no sexo com o parceiro atual (23%).

Para os homens, os motivos foram a falta de comunicação (68%), estresse (63%), disfunção sexual com o parceiro atual (44%), falta de intimidade emocional (38%) e fadiga ou cansaço crônico (31%).

Em um primeiro momento, talvez o cansaço pareça o fator mais estranho na lista. Mas Karantzas explica: “As pessoas precisam investir tempo e energia em seus relacionamentos. Sentir cansaço crônico ao longo de muitos anos significa que a capacidade de fazer o esforço necessário para manter um relacionamento também está comprometida”.

Vale dizer que todas essas coisas podem facilitar a ocorrência de uma traição, mas obviamente não determinam que ela vá acontecer. O autor afirma que, se algum desses fatores de risco estiver rondando o relacionamento (ou se a traição já aconteceu), pode ser uma boa procurar ajuda.

E se já rolou a pulada de cerca, mas o parceiro ainda não sabe? Nesse caso, esconder a sujeira embaixo do tapete só vai piorar as coisas. “Algumas pessoas optam por manter seu caso secreto por querer continuar com ele, por sentir culpa demais ou por acreditar que estão protegendo os sentimentos de seus parceiros”, escreve Karantzas.

“Mas o segredo só perpetua a traição. Se alguém realmente quer consertar seu relacionamento, é necessário falar a verdade e buscar de orientação profissional para apoiar o casal durante esse período turbulento”, completa.

Fonte: PRADO, Ana. Por que as pessoas traem? Superinteressante, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/como-pessoas-funcionam/por-que-as-pessoas-traem/>. Acesso em: 25 de jul. 2021.

QUESTÕES

1) Esse texto, tirado do site da revista SuperInteressante, começa com uma oração subordinada condicional – que estabelece uma condição para determinado fato – e tem sequência com uma oração construída com ser + adjetivo, que traz a ideia de probabilidade, quase certeza.

a) Qual o sentido dessa construção condicional logo no início do texto, considerando o público-leitor da revista?

Resposta esperada: O autor usa uma condição para selecionar o interlocutor, dando a ideia de conhecer bem o perfil do seu leitor (jovem, estudante, curioso e “ligado” na cultura de massa), caso contrário, não faria essa pré-seleção do interlocutor.

b) O que pode explicar o fato de o enunciador iniciar o texto com uma referência de cultura de massa, com uma generalidade sobre o comportamento humano, para introduzir informações sobre pesquisas científicas?

Resposta esperada: A referência com a cultura de massa, considerando o público-alvo, é uma tentativa de estabelecer relação de pertinência entre a reportagem e o universo do leitor. Parte de uma questão que diz respeito à sociedade e está num senso comum para uma justificativa e um aprofundamento apoiados na ciência.

2) “A infidelidade geralmente é vista como coisa de pessoas imorais, **más**, insensíveis. **Mas** estudos têm mostrado que a verdade por trás de traições é **mais** complexa do que pode parecer.”

- a) Por que o autor, ao terminar a frase que inicia o segundo parágrafo, começa a oração seguinte com uma conjunção adversativa?
- b) Reescreva o trecho utilizando outros sinais de pontuação (vírgula ou ponto e vírgula) no lugar do ponto final e a conjunção concessiva “embora”.
- c) Classifique a relação sintática entre as duas orações (questão b.), analise a mudança nos tempos verbais e a pontuação, destacando os novos efeitos de sentido obtidos.

Resposta esperada: A segunda frase, sendo adversativa, marca a diferença entre o senso comum e os dados científicos, enfatizando a complexidade constatada pela ciência em relação ao fenômeno social da traição.

Reescrita: *A infidelidade geralmente é vista como coisa de pessoas imorais, más, insensíveis, embora estudos tenham mostrado que a verdade por trás de traições é mais complexa do que pode parecer.*

A infidelidade geralmente é vista como coisa de pessoas imorais, más, insensíveis; mas estudos têm mostrado que a verdade por trás de traições é mais complexa do que pode parecer.

O ponto final representa e enfatiza uma separação – de conteúdo e sintaxe – entre as ideias científicas e as do senso comum. Já o uso de vírgula e ponto e vírgula dá ideia de continuidade, de articulação entre os dois pontos de vista. O uso da conjunção concessiva “embora” provoca uma mudança no tempo verbal da segunda oração (têm mostrado → tenham mostrado), uma vez que elas passam a se relacionar por subordinação adverbial, havendo, portanto, uma sucessão temporal entre as ações de cada oração.

d) No trecho analisado há três palavras homófonas destacadas. Aponte o que as distingue graficamente, evitando a ambiguidade do texto. Em seguida, determine a classe de cada palavra e seu sentido.

Resposta esperada: O adjetivo plural “más” tem o acento diferencial para diferenciá-lo da conjunção “mas”, que é monossilábica átona. Já “mais” é um advérbio de quantidade, intensidade ou comparação e é grafado com “i”, sendo um monossílabo tônico.

3) A autora da reportagem dirige-se diretamente ao leitor e apresenta, ao longo do artigo, marcas de coloquialidade. Identifique trechos que confirmam essa constatação. Em seguida, reflita sobre a sua função no texto, pensando na relação entre autor e interlocutor e na proximidade com o assunto tratado.

Resposta esperada:

Para começar, (...)

Mas é claro que (...)

Uso de expressão coloquial

E se já rolou a pulada de cerca, (...)

Nesse caso, esconder a poeira debaixo do tapete (...)

Uso de expressões populares como "pulada de cerca" e "esconder a poeira debaixo do tapete".

Separamos alguns: (...)

Uso da primeira pessoa do plural, o que aproxima o autor do leitor, indicando ao leitor que a seleção não foi arbitrariedade de uma só pessoa.

4) O texto é escrito com base em um artigo assinado pela fonte citada, o Dr. Karantzas, apresentada como especialista no tema tratado. O fato de ser professor dá a ele autoridade para falar do assunto. Usar a fala ou o texto de um especialista e explicitar as credenciais da fonte são recursos usados pelo repórter para dar credibilidade às informações relatadas e também para não se comprometer com elas. Há outros trechos nos quais foram usados outros recursos, como o uso de verbos específicos, para gerar credibilidade. Na tabela abaixo, estão alguns deles. Indique com os sinais de ++, +, – e – – para indicar a eficiência na geração de confiança do leitor nos dados. Justifique sua resposta com aspectos lexicais, semânticos e sintáticos:

<i>No artigo que escreveu para o site The Conversation, ele lista dados interessantes sobre a traição em relacionamentos amorosos.</i>		
Credibilidade	Justificativa	Análise sintática e efeitos de sentido do verbo da oração principal e da construção frasal
++	A fonte é citada na sua completude e é possível fazer uma busca para acessar o original se houver interesse. O verbo escrever também dá credibilidade à informação, porque há uma pessoa que se responsabiliza por ela publicamente.	Adjunto adverbial (o artigo + oração subordinada adjetiva restritiva) + período simples. Há aqui um duplo reforço da fonte, sem orações substantivas que poderiam indicar o posicionamento do enunciador. O verbo escrever também reforça a fonte dos fatos narrados.
<i>Estudos indicam que pessoas com mais características neuróticas e narcisistas, bem como aquelas desprovidas de traços como a afabilidade e a honestidade, são mais propensas a isso.</i>		
Credibilidade	Justificativa	Análise sintática e efeitos de sentido do verbo da oração principal e da construção frasal
<i>Pesquisas recentes indicam que um dos melhores fatores para se prever uma traição é já ter traído antes.</i>		
Credibilidade	Justificativa	Análise sintática e efeitos de sentido do verbo da oração principal e da construção frasal

--	--	--

5) Além de atribuir falas e informações à fonte, que outro recurso do discurso científico o enunciador usa para dar credibilidade aos fatos narrados? Transcreva os trechos em que isso ocorre.

Resposta esperada: Há o uso de dados numéricos (porcentagens e frações) decorrentes da tabulação das pesquisas, como nos trechos:

“Para começar, traições não envolvem só sexo. Quando se trata de infidelidade puramente sexual, a ocorrência média observada em estudos é de cerca de **20%** dos casais. No entanto, a taxa aumenta para cerca de **um terço dos casais** quando se inclui infidelidade emocional.

Uma pesquisa com 5.000 pessoas no Reino Unido descobriu que as cinco principais causas para as mulheres traírem estão relacionadas à **falta de intimidade emocional (84%), falta de comunicação (75%), cansaço (32%), traumas ligados a sexo ou abuso (26%) e falta de interesse no sexo com o parceiro atual (23%).**

Para os homens, os motivos foram a falta de comunicação (**68%**), **estresse (63%), disfunção sexual com o parceiro atual (44%), falta de intimidade emocional (38%) e fadiga ou cansaço crônico (31%).**

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Volume de contos. Rio de Janeiro: Garnier, 1884. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000208.pdf>. Acesso em: 25 de jul. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

CASTILHO, Ataliba T. de e Vanda Maria ELIAS. *Pequena Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

PRADO, Ana. Por que as pessoas traem? Superinteressante, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/como-pessoas-funcionam/por-que-as-pessoas-traem/>. Acesso em: 25 de jul. 2021.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. *Sintaxe das orações complexas em português*: uma proposta de descrição e ensino. Alfa, São Paulo, 2013, pp. 495-518.